

Autor: Isabel Martins Considera- Práxis Lacaniana/Formação em Escola

Título: Para o homem, o amor; para uma mulher, o dizer

Dispositivo: Plenário

Este título foi retirado da aula 7 do *Seminário 21* de Jacques Lacan: “Le non dupes errent”. O parágrafo inteiro é o seguinte: “Para o homem, o amor marcha sem dizer, porque lhe basta o gozo do amor, mas para uma mulher, o gozo não marcha sem o dizer da verdade”.

Estão situadas aí diferentes problemáticas em relação ao gozo que, logicamente, só interessam como argumento ao ser falante. Só um ser falante, a partir da hipótese de que há sujeito e, portanto, há inconsciente, inscrever-se-á do lado homem ou do lado mulher da tábua lacaniana das fórmulas quânticas da sexualização.

Nesses lados, homem e mulher, os seres falantes, se inscrevem independentemente de seus atributos sexuais, do seu sexo anatômico, e isto só se articula a partir de que o sujeito haja enunciado que “não há relação sexual”, que só pode ser interdita.

“Não há relação sexual” faz entrar não só a dimensão da verdade, que põe em jogo o campo do dizer e do dito, como também a função do escrito em sua relação com a linguagem, o que coloca em jogo uma articulação entre a lógica como ciência do real e o saber inconsciente. Situa-se aí um salto que distingue irremediavelmente mentalidade de discursividade, o falo como órgão do falo como *lapsus calami*, o saber, S2, como retorno do reprimido, e o saber, S2, enquanto faz relação com o radicalmente Outro, que situa a parte mulher do ser falante enquanto Outro sexo que o próprio. Trata-se de fazer entrar a parte mulher dos seres falantes, que podem permanecer, do lado homem, mantendo o rechaço ao feminino.

Os conceitos de homem e de mulher, de masculino e de feminino, que parecem, à primeira vista, tão inequívocos, estão entre os de mais difícil definição. Embora também possam ser tomados num sentido biológico e às vezes sociológico, no que diz respeito à psicanálise qualquer diferença entre os sexos está dada pelo falo, em termos de tê-lo ou de não tê-lo, de fálico ou castrado.

Pela via do saber, S2, como o que retorna do reprimido ao sujeito, pela via da significação fálica, fica situado que o sexual está ditado, determinado, pelo fato de

que o desejo do homem é o desejo do Outro, o que quer dizer que estamos sujeitos aos seus efeitos. Contudo, há algo no saber, S2, que vai além da secundariedade em relação ao S1 e que diz respeito ao S2, enquanto tem relação com o radicalmente Outro, enquanto representante daquilo com que uma mulher tem a ver, no que diz respeito ao inconsciente.

A questão, em efeito, é saber em que consiste o gozo feminino, na medida em que ele não está todo ocupado com o homem, aliás não se ocupa com o homem de modo algum. A questão é saber se esse termo de que ela goza, o radicalmente Outro, sabe alguma coisa, pois ela também, tanto quanto o homem, é sujeita a ele. O gozo da mulher não é universal, uma vez que a mulher é não-toda gozo fálico, o que leva Lacan a dizer que A mulher, toda, não existe, existe A barrado mulher.

É certo que o gozo do lado mulher não marcha sem o dizer verdadeiro, um dizer como acontecimento, que Lacan define pelo matema da contigência, que justo formula que não todo x fx , e que, pela função do escrito em sua relação com a linguagem, uma escritura tem a ver com o real, ao situar o que cessa de não se escrever, um gozo a mais em relação ao gozo fálico, embora não sem ele, mas um gozo suplementar a ele. Contudo, esse dizer em relação à verdade é impossível, que seja dito, que seja escrito, o que, pela formulação do impossível dá que não existe x que não fx , situando o que não cessa de não se escrever.

Embora seja certo que com o falo a histérica escreve no corpo imaginário, que a histérica representa o feminino ao nível do desenvolvimento do discurso da neurose, é certo também que ela não é a mulher, já que seu desejo sustenta o desejo do homem, mantendo a homossexualidade em relação ao amor ao pai e a castração em relação ao falo como rocha da castração: inveja do pênis para a mulher e temor à passividade para o homem.

Como fazer entrar a heterossexualidade, que depende de que, do lado mulher, esta, enquanto “a”, vá ao lugar de causa do desejo?

As mulheres são não-todas gozo fálico por estarem não só em relação ao dizer como acontecimento, como também por estarem em relação à inexistência e ao impossível e, portanto, estarem em relação à dimensão da verdade. Por isto, é pelo lado mulher do ser falante que se introduz o inconsciente como mistério do corpo falante, o real, enquanto mistério do corpo falante, que diz respeito ao “falo com meu

corpo sem saber” lacaniano, em relação ao que, para não errar, só se pode ser incauto, mas não incauto de qualquer coisa, Freud não era incauto de qualquer coisa, mas, sim, incauto do real. Contudo, em Freud resta um problema: o que quer a mulher, questão que Lacan faz equivaler à dimensão da verdade.

Em torno destas questões do real do sexo, Freud - assim como Lacan e todo aquele que se analise - fez várias torções e construções. De início, Freud dedicou-se a diferenciar entre o amor e o sexo em relação ao desejo, depois, deparou com o fato de que isso não era suficiente por causa das questões do gozo e foi incansável nas torções que elaborou em torno do amor, do sexo, do desejo e do gozo em relação ao falo, enquanto significante da falta no Outro.

É certo que o amor vem para suprir a falta, mas acontece que pode ser confundido com o gozo, que, diferentemente do amor, põe em jogo a relação perturbada que o ser falante tem com o seu corpo.

Pela via do desejo, temos que, embora o desejo não seja o gozo, é fato que, se há desejo, há gozo. Embora saibamos que o desejo, em Freud, não é perverso, uma vez que é da ordem do não realizado e da ordem da interpretação, e, por isso mesmo, é falta, portanto, não é perverso, sabemos também de tudo que pode vir nesse lugar, em termos de perversão.

Pelo lado do gozo, verificamos a relação perturbada que o ser falante tem com o seu corpo; nesse sentido, o que diz respeito ao corpo termina em gozo, que escapa ao sujeito, o que situa, por um lado, não ser necessário saber que se sabe para gozar de um saber, embora, por outro, situa que sobre o sexo não há saber. Isso de que não é preciso saber que se sabe para gozar de um saber dá o amor do lado homem, enquanto a mulher é o *sinthoma*, com h, do homem.

Do lado homem, por lhe bastar o gozo do amor, mantém-se uma ordem que só quer saber que as coisas marchem, andem em círculo, para não chegar a lugar nenhum, como indica o amo, situado enquanto significante como agente e semblante no discurso do mestre, que só está interessado nisto, que o gozo marche, deixando o gozo do saber ao escravo. Em contraponto a isto, o discurso do analista é o que vem fazer obstáculo a esta marcha sempre em frente e em círculo, por entrar pelo lado mulher, pela barra que o significante faz no A de A mulher, e que situa que sobre o sexo não há saber, embora não cesse de não se escrever.

O gozo de uma mulher não coincide com o gozo de A mulher. O gozo das mulheres, uma a uma, vai no caminho do gozo real na estrutura, dirige-se a “alíngua”, ou seja, o inconsciente enquanto mistério do corpo falante que faz ranhuras no real, no sentido de que toca as bordas do real.

Trata-se de que há Um, que resta, que é tomado como gozo do Outro, enquanto corpo, gozo que sempre é inadequado. Trata-se de uma equivocação sexual como acontecimento na estrutura que necessita da instrumentação do nó borromeano, que é diferente daquilo que o falo instrumenta. Trata-se de “alíngua”, na qual para alguém, que recebeu uma primeira marca, uma palavra é ambígua.

O nó borromeano é uma escritura que tem a ver com a lógica enquanto ciência do real, um suporte para o impossível, já que este só se demonstra a partir do nó, suporte necessário para os seres falantes partirem de uma inscrição do lado mulher, do lado direito das fórmulas quânticas da sexuação. O nó borromeano é uma escritura do real, que Lacan construiu para nos transmitir um espaço diferente da geometria cartesiana e uma estética diferente do espaço transcendental kantiano.

“Alíngua”, por sua vez, diz do inconsciente enquanto constituição do corpo do ser falante, no Outro, a partir da hipótese da existência do sujeito, e, portanto, da existência do inconsciente. No ser falante, a ressonância da palavra, a fonética, é constitucional do saber inconsciente, já a ortografia dá os sentidos. “Alíngua” é o inconsciente enquanto corpo falante. Trata-se do *sinthoma*, com h, enquanto um saber de “alingua”, do gozo de um sujeito impregnado pela linguagem. A problemática em questão consiste em colocar numa análise o sintoma neste nível, ou seja, do *sinthoma* com h, uma função do escrito que articule o saber inconsciente à lógica enquanto ciência do real.

Lacan situou o *sinthoma* em relação a Joyce, o escritor, que criou um tipo de escrita que diz de seu saber-fazer com “alíngua”, não se trata de um escritor que seja um caso de sublimação, de reorganização e acomodação de restos. O *sinthoma* de Joyce vai além da literatura e, por isso mesmo, interessou tanto a Lacan, em seu *Seminário 23*. É nesse saber-fazer com “alíngua” que Joyce e um analisante se cruzam, embora o saber-fazer de ambos com “alíngua” seja diferente. Enquanto o saber-fazer de Joyce produz um artista, alguém em posição analisante, precisa

produzir o analista, como “a” no discurso do analista, colocando em jogo a causa do desejo.

A psicanálise não é um *sinthoma*, com h, é um sintoma, sem h, o analista sim, é um *sinthoma*, com h, que há que ser inventado uma a uma, por ser justo o que uma mulher põe em jogo. Um analisante precisa chegar a fazer em sua análise *sinthoma* para ter acesso à forclusão em que está o dizer de Freud, e interrogar os seres de saber, semblantes de ser, que vêm dos outros discursos a partir do discurso do analista.

Para isto, contudo, é preciso inventar o analista, crer ali, no a do discurso do analista, uma mulher como *sinthoma*, enquanto Outro sexo que o próprio, um dizer como acontecimento em relação à estrutura, dizer que está forcluído e que, enquanto impossível de dizer e de se escrever, por não cessar de não se escrever, pode fazer com que o saber inconsciente faça ranhuras nas bordas do real, pela extração do uma a uma que, no radicalmente Outro, ou seja, no Outro sexo, deixa a marca da falta.

Isto vai constituir, para os seres falantes, a castração em relação ao “hétero”, situando o lugar do desejo como heterossexual justo por não rechaçar o feminino, o diferente, enquanto Outro sexo.